

# DEPOIMENTO



**Finalmente, Livre**

**Elio Roldan Anderson**

## GRATIDÃO

*A Deus, por sua misericórdia e amor*

*À Betinha, esposa amada  
Ao Samuel, nosso filho.*

*Eles têm me ajudado a prosseguir a cada dia.*

*Aos meus irmãos*

*Elias, In Memoriam*

*Edison, In Memoriam*

*Osmar,*

*Oswaldo,. In Memoriam*

*Carlos*

*À minha irmã. Olga.*

*Minhas cunhadas, sobrinhos e sobrinhas.*

*À minha mãezinha Encarnação, que muito chorou, orou e jejuou por este momento,  
mas só o enxergou pelos olhos da fé, e*

*Ao meu pai, Emílio Carlos, que Deus levou um ano antes do nascimento do Samuel.*

*Estes derramaram muitas lágrimas por mim, e eu me aproveito deste espaço  
para um pedido de perdão, e para o meu sincero agradecimento.*

*Vocês sempre foram, e são, pessoas maravilhosas.*

*À família da minha esposa, que também é minha família.*

*Aos intercessores e a todos os contribuintes do Esquadrão da Vida,  
ferramenta usada por Deus para minha recuperação e salvação.*

*A todas as demais pessoas que me ajudaram a levantar e a permanecer em  
pé. Não vou tentar cita-las, senão esta seria a seção mais longa deste livreto.*

*Deus sabe como sou grato a cada um.*

## INTRODUÇÃO

Meu objetivo era escrever um pequeno depoimento para publicar na página do Esquadrão da Vida de Marília (<http://www.esquadraovida.com.br>), mas o assunto foi se esticando, e acabou neste livreto.

Deus tem feito tantas coisas boas em minha vida, e eu tenho vivenciado tantos milagres, que não poderia deixar de escrever, mesmo resumidamente.

Sou grato por todos aqueles que estiveram comigo naquela época, dentre os quais há muitos vitoriosos, que hoje são pessoas curadas, restauradas, fazendo diferença onde se encontram.

Alguns se perderam no caminho, por colocar as vantagens e glória pessoal em primeiro plano, demonstrando não serem dignos de confiança, mas de pena. Desejo que se arrependam e se acertem, pois já não podem alegar inocência.

Evitei citar nomes, a não ser daqueles que participaram pastoralmente da minha recuperação. Desejo honrá-los.

Tenho esperança de que a leitura deste desperte novo ânimo em todos aqueles que estão pensando em desistir, sejam dependentes, seus familiares, e todos aqueles que se encontram acorrentados por outros motivos. Deus pode, e quer, fazer o melhor por você.

A Deus, toda a honra, toda a glória, todo o louvor, para sempre.

Novembro/2007

## Muito prazer! Meu nome é Elio,

e esta é a minha história:

Eu era o bebê “mais lindo e mais fofo do mundo”, na visão de minha mãe, tias e avós. Quando me viram, realmente acreditaram nisso. Pura emoção, com certeza! Quatro quilos e meio, cinquenta centímetros ao nascer. Era bebê pra ninguém botar defeito! Lindão!

Mamava tudo o que podia, comia tudo o que me serviam. Sopinhas, pães de todos os tipos, bolos e bolachas, frutas, legumes, cereais... O que viesse era comigo, e assim eu fui crescendo.

Nasci no bairro da Penha, em São Paulo, em Julho de 1950. Em Maio de 1952 mudamos para a casa construída por meu pai, na qual, ainda hoje, mora a minha irmã.

Região suburbana, deliciosa para se passar a infância.

Muitas chácaras, riachos de água limpa, uma vasta área de várzea, com campos de futebol, algumas árvores à beira do riacho, um pequeno lago, no qual eu brincava.

Praticamente não existia criminalidade. Os vizinhos eram amigos e as crianças obedeciam aos seus pais e aos pais de seus amiguinhos.

Professor era autoridade para as crianças e era respeitado por todos. Na porta de cada escola, e eu estudava na EEPG Barão de Ramalho, ficava um guarda-civil, orientando o trânsito e auxiliando a travessia dos escolares.

Todos o conheciam por nome e, mesmo quem não precisava atravessar, o cumprimentava, pois ele estava ali para ajudar, e era benquisto.

Televisão era “coisa do outro mundo”, então sobrava tempo para as famílias conviverem harmoniosamente e conversarem entre si.

Hoje, um dos riachos foi canalizado, o outro foi retificado. Construiu-se um “piscinão” para conter enchentes em uma grande área, cresceram muitos prédios de apartamentos...

Já não é a mesma coisa. Tenho pena das crianças! Onde brincar?

Naquela época eu era uma grande **ESPERANÇA**.

Fui gordo até os onze ou doze anos de idade, depois eu cresci e fiquei elegante. Me achava o adolescente mais bonito do mundo. Tinha muitos amigos, bons amigos, bons princípios, bons modos...

Tocava trompete e trombone na banda do Exército da Salvação, e vivia uma vida maravilhosa. O futuro seria maravilhoso, sem dúvidas, se não fosse...

## A BEBIDA

Provérbios 23:19-35

*“Ouve tu, filho meu, e sê sábio, e dirige no caminho o teu coração. Não estejas entre os beberrões de vinho, nem entre os comilões de carne. Porque o beberrão e o comilão acabarão na pobreza; e a sonolência os faz vestir-se de trapos. Ouve teu pai, que te gerou, e não desprezes tua mãe, quando vier a envelhecer. Compra a verdade, e não a vendas; e também a sabedoria, a instrução e o entendimento. Grandemente se regozijará o pai do justo, e o que gerar um sábio, se alegrará nele. Alegrem-se teu pai e tua mãe, e regozije-se a que te gerou. Dá-me, filho meu, o teu coração, e os teus olhos observem os meus caminhos. Porque cova profunda é a prostituta, e poço estreito a estranha. Pois ela, como um salteador, se põe à espreita, e multiplica entre os homens os iníquos. Para quem são os ais? Para quem os pesares? Para quem as pelejas? Para quem as queixas? Para quem as feridas sem causa? E para quem os olhos vermelhos? Para os que se demoram perto do vinho, para os que andam buscando vinho misturado. Não olhes para o vinho quando se mostra vermelho, quando resplandece no copo e se escoia suavemente. No fim, picará como a cobra, e como o basilisco morderá. Os teus olhos olharão para as mulheres estranhas, e o teu coração falará perversidades. E serás como o que se deita no meio do mar, e como o que jaz no topo do mastro. E dirás: Espancaram-me e não me doeu; bateram-me e nem senti; quando despertarei? Aí então beberei outra vez.”*

A bebida alcoólica começou muito cedo. Em casa, nos finais de semana, meu pai tomava cerveja ou vinho. Minha avó achava que *criança não pode passar vontade*, então misturava o vinho ou a cerveja com água e açúcar e nos dava para experimentar. Quando meu pai fazia caipirinha, eu costumava chupar os pedacinhos de limão amassados.

Aos onze anos, 1961, creio, fui ajudar um ex-colega de trabalho de meu pai, que tinha uma mercearia e bar. Era um sujeito analfabeto, turrão, e seu filho, já adulto, que o auxiliava no negócio, sofreu uma enfermidade grave que o afastou do trabalho por vários meses.

O combinado era eu ajudasse em trabalhos leves e nas anotações das *cadernetas*, muito utilizadas naquela época, mas, na verdade, eu ficava a maior parte do tempo sozinho, atendendo a freguesia, inclusive servindo bebidas, no balcão. Lá vim conhecer viciados em vários tipos de drogas.

Um dia descobri um licor, muito doce, de nome *Fogo Paulista*. Quando fui servir uma dose para alguém, lambi a gotinha que ficou no meu dedo, daí resolvi experimentar. Naquele dia eu tomei o primeiro fogo da minha vida.

Lá eu passei também a experimentar outras bebidas, de leve...

Meus pais sempre nos alertavam para o perigo das drogas, mas bebida e cigarro não eram considerados “drogas”. Meu pai usava!

## MÁS COMPANHIAS?

Com certeza houve!

Um de meus amigos da infância, ex-vizinho, quase um irmão, que havia se mudado para Guarulhos, voltou à nossa turminha, e vivia nos contando das “coisas que aprendera”. Sabia como bater carteiras, conhecia a maconha, e até trouxe uma vez para que eu experimentasse, porém não gostei. Eu tinha aprendido que *droga não prestava*.

Esse “amigo” me “ajudou” a abandonar a Jesus.

Aos treze anos, à época da Jovem Guarda, comecei a “curtir a vida”. Não perdia um “bailinho” nem a chance de “tomar alguma coisinha”, Tomava algo para “desinibir”, não que eu fosse inibido. Era um jeito bonito de falar.

Aos poucos, já era uma bebida mais forte que a outra, em doses cada vez maiores, e já não gostava de ir a festas ou programas em que não houvesse bebidas...

Aos poucos, eu fui mudando...

Aos poucos, as minhas amizades foram mudando...

Aos poucos, os meus sonhos e interesses foram se acabando...

O álcool, que antes era consumido apenas nos finais de semana, passou a ser diário. Já não passava um dia sem beber algo, e cada dia bebia mais.

O discurso até que continuava, mas ficava só no discurso.

Nas reuniões familiares eu nunca estava presente. Você iria me achar no boteco. Livro na mão, bebida no copo, cigarro entre os dedos.

O cigarro era outra dependência terrível. Sabe-se hoje que, à época, a indústria do tabaco adicionava mais nicotina e alcatrão no cigarro para aumentar a dependência. Quando comecei a fumar, aos doze anos, fumava poucos cigarros, e dos mais fracos, ou “chiques”, mas, com o passar do tempo, fui aumentando o número de cigarros fumados por dia, cheguei a fumar sessenta cigarros diários, e cigarros cada vez mais fortes. Passei a fumar os sem filtro, para tentar satisfazer o vício, mas não adiantava.

A respiração era difícil, a tosse, constante.

O dinheiro era gasto nesses três “pilares”: bebida, cigarros e jogo.

O trabalho deixou de ser importante, e assim eu ficava sem dinheiro, bebendo “fiado”, com dificuldades para pagar... Começavam os pequenos furtos de dinheiro em casa.

Os estudos, eu recomeçava para abandonar novamente.

A bebida já descia amarga, muitas vezes causava vômito, mas eu tinha que beber. Era obrigado a beber.

E quando mamãe me pedia:

- *Elio... Por favor... Não beba hoje!*

eu respondia que não iria beber... Que estaria presente, sim, no almoço ou reunião da família, em nossa casa, ou na de um de meus irmãos casados. Na verdade, nem eu mesmo acreditava naquilo. Até desejava ir, mas sabia que não conseguiria. Acabava no boteco!

Boteco acabou sendo o meu dia-a-dia. Passava mais tempo nos bares do que em casa ou em qualquer outro lugar.

Houve fases em que me embebedava e dormia. Acordava ainda bêbado, “tomava mais uma ou duas” e voltava a dormir. Dia e noite bêbado, sem controle, sem forças, sem projetos, sem vergonha.

## O BÊBADO CONHECIDO

Costumava ficar sentado “lendo” um livro e bebendo, à mesa de um bar, que também era ponto de drogas, e houve ocasiões em que a polícia chegou, com armas pesadas, dando ordem para que todos encostassem as mãos na parede, acima das cabeças, revistando um por um. Comigo ninguém mexeu. Me ignoraram! Até eles sabiam que eu era apenas um bêbado qualquer.

Todos concordavam que eu já não tinha jeito.

**DECEPÇÃO** é o que eu era, então.

## FAMÍLIA

A família não desistiu de mim. Eu é que a abandonei muito tempo depois, aproximadamente três anos depois que mamãe morreu. Então já estava totalmente dominado pelo álcool, fumando como um desesperado, incapaz de produzir qualquer coisa útil.

Sou o quinto filho de uma família de sete. Minha irmã, a única menina, a caçulinha, é quatro anos mais nova que eu, enquanto o primogênito é nove anos mais velho.

Meu pai, Emílio Carlos, primogênito de sua família, era comunista de carteirinha (me envolvi fundo nisso). Anti-religioso, livre pensador, autodidata, operário especializado. Nasceu no interior de São Paulo, filho de imigrantes. Posteriormente anuiu ao espiritismo kardecista, através dos livros que eu levava para casa.

Minha mãe, Encarnação, era a caçula, e a única evangélica entre seus irmãos. Era Sargento do Exército da Salvação, de que participava desde os sete anos de idade, pois, em 1930, quando morava no bairro do Braz, em São Paulo, os “oficiais” a “adotaram”. Para onde fossem a levavam junto, e seu pai permitia, pois era em uma época de grande escassez e meu avô via neles pessoas boas e que tinham boas coisas a ensinar.

Ela dirigiu por muitos anos um trabalho evangelístico, em minha casa, a “Liga do Lar”, destinado às Senhoras da vizinhança. Uma tarde por semana se reuniam. Lá cantavam, tomavam chá com biscoitos ou bolo, havia um momento de reflexão, e recebiam cursos de culinária, bordados, pintura, etc., além da assistência social prestada àquelas famílias.

Era comum vê-la, nos momentos de folga, sentada em sua cadeira de balanço, na sala, lendo a Bíblia Sagrada.

Conversava muito conosco, e administrava o lar.



## AVÓS

Meu avô paterno, Carlos, primeiro de oito filhos, sueco, ateu convicto, agrimensor de profissão, morava no interior paulista, fazia medições no sertão. Ao final de alguns trabalhos, passava temporadas conosco em São Paulo, e quando isso acontecia, eu era seu companheiro constante.

Com ele aprendi a jogar damas, e com ele eu ia ao bar, onde ele “tomava uma cervejinha”, enquanto eu bebia um guaraná. Ele me falava da política e contava histórias do sertão.

Ele vivia separado de sua esposa, a:

Vovó Maria, uma dinamarquesa séria, de formação batista, que morava no interior do Paraná com um dos filhos, solteiro à época. Ela raramente ia São Paulo, e, durante minha infância, foram poucas vezes que a vi. Dela não há muito que eu possa falar, a não ser depois que veio de mudança para Osasco, quando o meu tio se casou. Aí eu já tinha uns dez anos, acho!

Meus avós maternos, espanhóis, participaram de quase todos os momentos de minha infância, pois moravam próximos, e, quando não, vinham constantemente à minha casa. Estavam sempre presentes e eram benção em minha vida.

Ele, Francisco e ela Ângela, vieram como imigrantes para a lavoura e, por morarem em colônias, nunca precisaram falar o português. Para nós, eram apenas o Abuelo e a Abuela.

O abuelo era Kardecista, e dele eu herdei os livros da codificação espírita. Baixinho, sério mas bem-humorado, vivia contando as estórias dos cavalos que ele amansava e das fazendas onde trabalhou... Aposentou-se como jardineiro da Prefeitura de São Paulo.

A Abuela era de uma família católica da Espanha. Tinha um sem número de parentes padres e freiras, segundo nos contava, mas ela não freqüentava igreja nenhuma.

## A FUGA

Meu relacionamento com meu pai piorava sempre, devido à dependência do álcool. Além do que eu bebia no bar, tinha sempre uma garrafa debaixo da pia, e mais uma ou duas escondidas.

Aos quarenta e um anos, início de 1992, sai sem rumo, e sem rumo vivi por algum tempo. Não disse a ninguém o que eu ia fazer. Vendi a linha telefônica que servia minha família, peguei tudo que era meu e saí.

Saí magoado, saí magoando.

Andei fazendo alguns pequenos trabalhos, mas nada firme.

Dormia em hotéis ou pensões, e, quando já não tinha dinheiro, dormia onde o sono me pegava.

Quando queria fumar, fumava o que achava no chão. Se alguém, à minha frente, jogava um cigarro, eu o pegava ainda aceso, e continuava fumando.

O que restava de dignidade, perdi nessa época.

Praticamente tudo o que eu tinha de roupas e objetos, foi ficando retido em hotéis e pensões em que eu me hospedara, e já não tinha com que pagar.

Veza por outra, tomava alguma bebida tão ruim, que ficava intoxicado, sofria vômitos, por vários dias, a ponto de não poder engolir sequer a saliva.

Não raro, quando a fome batia, eu comia folhas ou sementes. Aprendi o sabor delas, e até gostava de algumas...

Você conhece a parábola do filho pródigo? Comia o que aparecia?

SOLITÁRIO,  
DERROTADO,  
PERDIDO,  
LARGADO eram meus nomes.

Nessa época, eu tinha uma porção de nomes... Mas, nome para quê? Ninguém me chamava para nada...

## O PIOR SENTIMENTO

Então eu conheci o pior do que passei, e não creio que haja sentimento tão ruim: Não ter para onde voltar, não ter ninguém esperando... Sem porto, rumo, sem alegria, sem esperança, sem sonhos... Qualquer lugar era lugar de parar. Qualquer lugar era ruim. Isso já não importava. Fosse onde fosse, eu não tinha ninguém!

Mesmo nessa época eu fiz alguns “amigos”, pessoas que estavam no mesmo barco que eu, e também não viam saída.

Nesse tempo, eu olhava para os moradores de rua, que viviam em “tribos” mas não tinha coragem de me aproximar. Eu não era um deles e não queria ser um deles. Estavam em pior situação do que a minha, pois eu ainda tinha consciência do buraco em que estava, e sabia que existia coisa melhor que aquilo, e eles nem isso sabiam.

Em alguns momentos até os invejava, pois eles tinham um ao outro, a amizade, a convivência, enquanto eu estava sozinho. Quando estava muito frio, se reuniam em volta de uma fogueira e dividiam o pão, quase sempre embrulhado em jornal velho!, e a cachaça, que passava de mão em mão, de boca em boca... Cheios de baba!

Os dias passavam e eu mais me desesperava, até que resolvi pedir a Deus a sua misericórdia. Não que eu acreditasse que Ele fosse se importar comigo, pois eu era apenas mais um alcoólatra perdido no mundo, um mundo com bilhões de pessoas...

É! Deus não ia me ouvir! Ele tinha mais o que fazer. Mesmo assim eu chorei diante dele, pois eu precisava chorar para alguém.

DESESPERADO era meu nome.

## A ENTREVISTA

Um dia, estando em Presidente Prudente, ouvi pelo rádio uma entrevista que me chamou a atenção: Eram dois jovens contando sobre sua recuperação da dependência química, através de uma instituição chamada Esquadrão da Vida, que tinha filial naquela Cidade, com escritório na área central. Anotei o endereço e fui para lá no dia seguinte perguntar como eu poderia receber o tratamento. Talvez eu pudesse me recuperar, me levantar novamente. Talvez fosse a solução.

Me disseram que eu precisaria vir a Marília (anotei os dados), para começar o tratamento, mas sem muitas esperanças de conseguir. Resolvi tentar. Seria a última tentativa.

Se falhasse...

A idéia de suicídio ganhava corpo dentro de mim.

## A PRESSA.

Eu precisava chegar a Marília o mais depressa possível.

Nessa época eu ainda tinha alguns “tesouros” comigo. Ferramentas, como alicate, chaves fixas, de fenda, etc. Tinha também um molinete japonês e uma varinha telescópica que ainda valiam alguma coisa, mas, quem iria comprá-la de um bêbado? Todos iriam achar que era coisa roubada! Ainda assim, montei a vara com o molinete, completinho, e saí para oferecer às pessoas que visse na rua. Talvez conseguisse o dinheiro da passagem...

Ainda me lembro. Um sujeito gordo, negro, que estava em uma esquina. Devia trabalhar por ali, pois já o vira antes. Logo que lhe ofereci o molinete, ele tirou o dinheiro do bolso, mais que o dobro do que eu precisava para a viagem. Foi a melhor experiência que eu já tive em vendas.

**Que Deus o abençoe, cidadão anônimo.**

## A VIAGEM

Comprei a passagem para aquela noite e, com o dinheiro que sobrou, comprei uns maços de cigarros do mais forte, os que eu fumava, comi alguns torresmos e outros salgados (cheiravam tão bem...), e tomei todas as cachaças que aguentei.

Fiquei lá perto da rodoviária, tentando me manter acordado até que chegasse à hora do embarque.

## TOTALMENTE BÊBADO.

Foi assim que cheguei a Marília.

Desci do ônibus com aquele gosto terrível, na boca, às três e meia da manhã, zozzo, em um lugar que eu não conhecia, nunca havia estado. Deixei minha sacola, uma sacola de lona, xadrez, com uma das alças arrebentada, no guarda-volumes da rodoviária e perguntei sobre como chegar ao bairro Jóquei Clube. Informado, rumei para o terminal de ônibus urbano, mas, no caminho, descobri ainda dois botecos abertos, e aproveitei do dinheirinho que ainda tinha para “tomar mais algumas”.

Atolei o pé, como dizem por aí.

Fui para o terminal de ônibus urbano e, para chegar, atravessei a linha do trem. Então se firmou a idéia: Se não conseguisse minha vaga no Esquadrão da Vida, eu sabia para onde ir...

Eu voltaria à linha do trem... Ia acabar por ali. Suicídio era em que eu pensava.

Às sete e meia da manhã resolvi ligar para perguntar como chegar lá, e o Osni me atendeu. Foi a primeira pessoa com quem conversei algo útil em Marília.

Ele me disse que eu precisaria marcar uma entrevista, que seria necessário levar algum material, objetos pessoais... Achei que não ia dar. Eu não tinha mais nada para oferecer, a não ser uns vinte reais que ainda sobravam.

Já ia agradecendo, dizendo que não se preocupasse, que eu daria outro jeito..., quando ele falou:

***- Não faça nada. Venha para cá agora mesmo!***

Foi Deus quem tocou no seu coração para falar aquilo. Eu não havia lhe dito nada sobre o suicídio. Foi Deus quem o avisou.

Obrigado, Senhor!

## NO ESQUADRÃO DA VIDA,

Virei “**SEU ÉLIO**”

Cheguei ao Esquadrão já com quarenta e dois anos completos. Era dia vinte e nove de Julho de noventa e dois, às nove horas da manhã, totalmente bêbado, pois não parara de beber desde que peguei o dinheiro, e há dias não fazia uma refeição. Fiquei sentado no escritório, esperando passar a bebedeira, até três ou quatro da tarde, mas a bebedeira não passava, e eu fui recebido mesmo assim. Foi ordem de Deus, hoje eu sei!

O último cigarro que fumei foi no banheiro do escritório da casa de recuperação. Nunca mais fumei!

Tomei um ótimo banho (água quente, sabonete, toalha limpa...), comi o famoso “sopão” com muita vontade!

Na hora de dormir, uma cama macia, limpinha, com cobertor e tudo,.

Aquele havia sido o pior inverno da minha vida, mas agora já não sentia tanto frio.

## JESUS ?

A minha situação mudou completamente. Para começo de conversa, me chamavam de “Seu Elio”, e me tratavam com amor, com carinho. Comida da melhor, cinco refeições por dia.

Os estudos bíblicos é que me complicavam um pouco, pois eu conhecia muito bem a Deus conforme o kardecismo ensinava. O “Deus” dos crentes era muito água-com-açúcar, simplista demais, uma coisa muito esquisita para que eu pudesse entender.

Eu conhecia, de nome, uma porção de “espíritos” importantes, “de luz”. E sabia também que a mente humana é muito poderosa, tem uma capacidade enorme... Eu tinha aprendido a fazer uma porção de coisas no curso de parapsicologia. Já exercitara aquilo, também.

Pirâmides? Energia das formas? Claro. Eu sabia muito sobre aquilo.

ÓVNIS? Eu não tinha visto, mas não tinha a menor dúvida que existiam... Eu conhecia por fotos, vídeos, relatos... Conhecia bastante a respeito!

O Edí, gaúcho, estagiário, sempre me dizia:

**“- Aceite a Jesus, Seu Elio”?**

Onde já se viu essa história de *aceitar a Jesus*? Ele era um espírito de luz, muito adiantado. Não existia isso de aceitar. Ele era, e pronto! Mas... isso de ele me perdoar todos os pecados, eu não ter que pagar mais nada... Era impossível.

Imagine só! Um Deus pessoal... Não sabiam da lei de Causas e Efeitos?

Definitivamente, eu dizia:

**- Crente era bobo, mesmo...**

Continuei o meu tratamento naquele lugar. Ganhei amigos, pessoas que vinham conversar comigo, que me honravam, que não ficavam perguntando coisas. Isso era muito bom.

Tudo ia muito bem, porém, o meu coração estava cada vez mais apertado pela culpa de ter abandonado o meu pai e minha irmã, principalmente, além dos outros irmãos, já casados.

A família sempre fora muito unida. Tudo era motivo para se estar junto, compartilhar...

Pai, irmã, irmãos, cunhadas, sobrinhos, primos... Família!

Eu havia jogado fora tudo o que de mais valor já tivera...

Os dias iam passando, eu ia me desintoxicando, sentindo-me fisicamente mais forte, porém a mente...

Não ia dar certo! Eu não via futuro plausível.

**ESTAVA DEPRIMIDO!**

## A DECISÃO:

Pensava em minha vida dia e noite e não achava solução, até que naquela madrugada me levantei, fui à capela interna, onde me ajoelhei chorando e orei assim:

***-“ Jesus; Se você é do jeito que esses crentes estão falando, e não do jeito que eu conheço, então vem. Por favor! Eu preciso de você!***

***- Tudo o que eu tentei fazer deu errado. Tudo o que eu comecei se perdeu. Tudo o que eu aprendi não valeu nada.***

***-Sei que tenho agido de forma que te desagrada, mas eu peço o teu perdão. Me perdoe, se isso é possível, e me mostra como você é, de verdade...”***

## AMOR!

Como uma explosão!  
Uma explosão de amor!  
Isso é tudo o que senti naquele momento.

Foi como se o MAIOR AMOR do universo tivesse me pego no colo, me abraçado, me acariciado, me afirmando que eu estava perdoado.

As lágrimas se multiplicavam, escorriam pelo rosto. Eu estava chorando de uma forma que nunca chorara antes.

Era arrependimento, era amor, era esperança, era alegria, eram tantas coisas boas que vinham com aquelas lágrimas. Inexplicável;

Era o sol surgindo após a tempestade.  
Era a presença de Deus!

Acabou o medo, acabou a depressão, esqueci a preocupação, esqueci as mágoas... Nada mais era capaz de me machucar. Nada mais era capaz de me fazer desistir. Sabia que nada mais iria me afastar da fonte de todo o amor que eu estava sentindo.

Silenciei, naquele momento maravilhoso, numa entrega de corpo, alma e espírito.

## FOI TREMENDO! ERA A GRAÇA! ERA DE GRAÇA!

Jesus não me acusava de nada. Sentia apenas o seu amor me envolvendo. Não sei quanto tempo durou aquilo, mas acordei leve, feliz, e me inseri na rotina do dia. Vez por outra eu sentia as lágrimas descerem do meu rosto, enquanto eu dizia palavras de amor a Jesus.

Eu sentia a sua presença de forma grandiosa, entendia que Ele tinha o melhor para mim e queria que eu aceitasse.



Fui chamado ao escritório, para uma entrevista com o Pastor Cláudio Correia de Souza, que auxiliava no Esquadrão, e, ali entendi várias coisas que eu não sabia.

Orei com ele, confessando os meus pecados, pedindo que Ele escrevesse o meu nome no Livro da Vida. Renunciei a todo o meu envolvimento com as trevas.

Isso fez toda a diferença em minha vida.

Isso é que permite que eu me conserve em pé.

Não sou um “adicto”, em abstinência por mais um dia, mas um homem liberto de todo o vício pelo poder do Senhor Jesus.

**FIM !**

Acabou-se a história de derrotas, mentiras, medos, frustrações.

## COMEÇA A HISTÓRIA DO NOVO ELIO

### O RECOMEÇO!

Estava começando a história do novo Elio. Agora o meu nome era **FELIZ**, me sentia amado de Deus, cuidado por Ele. Sabia-me pronto para lutar e vencer em cada momento, e tenho enfrentado lutas, cada uma a seu tempo.

Eu, que lera milhares de livros de todos os tipos, sobre quase todos os assuntos e religiões, nunca tinha lido a Bíblia, apenas trechos limitados, passei a lê-la com avidez. Era um Universo totalmente novo.

A “crítica” tipo de filtro, que antes me impedia de entender a Palavra de Deus foi tirada, e eu comecei a beber aquelas mensagens como água limpa e fresca, depois de ter andado no deserto por tanto tempo.

Lá eu li: “*Se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo*”, e eu não duvidei mais disso, porque já sentia a salvação. (Romanos 10:9)

*“Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça.” (1ª João 1:9)*

O Salmo 116:12 diz: “*Que darei eu ao Senhor, por todos os benefícios que me tem feito*”, e isso se gravou firme em minha mente. Nunca poderia esquecer os benefícios do Senhor.

Hebreus 9:27 e 28 “*E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo depois disso o juízo, Assim também Cristo, oferecendo-se uma vez para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para salvação.*”

Deuteronômio 10:10-12 “*10 Não se achará no meio de ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro, nem encantador, nem quem consulte um espírito adivinhador, nem mágico, nem quem consulte os mortos; pois todo aquele que faz estas coisas é abominável ao Senhor, e é por causa destas abominações que o Senhor teu Deus os lança fora de diante de ti.*”

Levítico 19:31 “*Não vos voltareis para os que consultam os mortos nem para os feiticeiros; não os busqueis para não ficardes contaminados por eles. Eu sou o Senhor vosso Deus.*”

Eclesiastes 9:10 “*Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças; porque no Seol, para onde tu vais, não há obra, nem projeto, nem conhecimento, nem sabedoria alguma*”

Agora eu entendia a mensagem do Salmo 23: “*O Senhor é o meu pastor, nada me faltará!*”

Eram tantas as passagens que Deus me mostrava de forma especial!

---

## O DESENCONTRO

A Assistente Social, Betinha (guarde bem esse nome), quando me entrevistou, instou-me de escrever para minha irmã e meu pai. Eu titubeava. Achava que não ia dar certo, mas pela insistência, resolvi tentar. Era Agosto de 1992.

Escrevi, mas logo que foi postada a carta eu fui transferido para a fase seguinte de minha recuperação, em um sítio maravilhoso, em Presidente Prudente, cidade onde eu ouvira falar do Esquadrão. Lá eu fiquei por seis meses. Um tempo maravilhoso na presença de Deus.

Acontece que, quando minha irmã recebeu minha carta, e respondeu com presteza, essa resposta não me alcançou em Marília. Eu havia acabado de ser transferido e, por um engano de alguém, a carta ficou arquivada em minha pasta, ao invés de ser-me enviada.

Sem aquela resposta, eu achava que tinha sido em vão escrever, mas sei hoje que isso era necessário para o meu tratamento e fortalecimento. Nesse tempo aprendi a depender somente de Deus, e não de pessoas, por mais amadas que fossem.

Uma coisa me preocupava: Eu precisava acertar a situação com meu pai. Eu o havia abandonado sem me despedir. Eu o ferira muito, decepcionara... Eu precisava pedir-lhe perdão, porém, como fazer?

Com certeza, Deus proveria o encontro.

## EM PRESIDENTE PRUDENTE

O sítio do Esquadrão lá em Prudente é um lugar maravilhoso. Fica a aproximadamente três quilômetros do centro do distrito de Montalvão.

Lá eu comecei a enfrentar grandes batalhas, e a ouvir a voz de Deus de forma clara e audível.

Os momentos que passei ali, as dificuldades, as vitórias, as amizades, não caberiam aqui, e não sei se conseguiria para contar...

Local amplo, boas instalações, uma boa porção de terra cultivável, criação de galinhas poedeiras, frangos de corte, roça, uma horta muito bem cuidada, enfim, o trabalho não faltava.

Há uma represa que, à época, estava cheia de tilápias e, há mais de um ano, ninguém pescava. Aquele era o meu lazer... Aos sábados, das 13:00 às 17:30, lá estava eu, caniço na mão, tirando grandes tilápias que fritávamos nos domingos.

Era bom demais.

Nas noites de domingo, visitávamos as igrejas, das várias denominações, no centro da cidade. Tínhamos que caminhar até Montalvão para pegar o ônibus. Na volta, novamente a pé até o sítio, caminhando à luz da lua, quando havia lua.

Eram momentos maravilhosos, para compensar as dificuldades.

Imagine um lugar lindo desses, com várias onde conviviam pacificamente pessoas de várias origens, culturas, ideais... Todas vindas de situações delicadas, devido à dependência química. Pessoas vindas de lares e ideais desfeitos, desemprego, dívidas, revoltas...

Pode parecer que era um barril de pólvora, mas não! O lugar era dirigido pelo Antonio Carlos Sobreira, uma pessoa que vivia na dependência de Deus, e que sabia tornar em exemplos edificantes todas as situações difíceis que pudéssemos atravessar ou presenciar.

Nessa fase, estávamos em aproximadamente quinze recuperandos, de quase todas as partes do Brasil. Tinha baiano, carioca, gaúchos, maranhense, mato-grossense, mineiro, paranaense, paulistas, rondonienses...

## O “BENCEIRO”

Lá, entre outras atribuições, eu era o “benceiro”, ou seja, a pessoa que cuida da “benção”, o lugar onde se guardavam as roupas e calçados que podiam ser doados aos internos que necessitassem.

Uma das atribuições do “benceiro” era lavar e passar toda a roupa de cama da casa, além de verificar a ordem nos dormitórios, para que nada ficasse fora de lugar.

Cada interno era responsável pela arrumação de sua cama e armário. Havia escala de trabalho para todas as áreas.

Uma ocasião, sem que eu percebesse como ou quando começou, o relacionamento entre os internos começou a se deteriorar. Não havia briga ou inimizade, apenas a situação ia se complicando.

Alguns internos passaram a agir em desacordo com as normas, porém eu continuei a levar a sério minha estada lá. Eu não queria mais voltar a viver longe de Deus, e ainda não estava em condições de sair dali.

Não procurei denunciar, nem fiquei criticando. Apenas falei o que pensava quando fui consultado, e disse que não estaria com eles. Havia uma certa luta interna para definir lideranças, e isso estava fora de cogitação. Eu não pretendia liderar ninguém e nem aceitar liderança que não viesse da direção da casa, e isso fez com que me vissem como um problema.

## OUVINDO A DEUS

O relacionamento foi se complicando, até que, naquela sexta-feira, enquanto rastelava o capim que havia sido tombado na véspera, eu pensava comigo mesmo em como resolver aquela situação. Estava ficando insuportável. Por mais que eu fizesse para me manter alheio àquilo, eu estava envolvido.

Não poderia abandonar aquela casa, sob o risco de voltar a cair na bebida e na vida suja de que tinha saído meses antes. Era complicado, e eu não sabia mais o que fazer.

Repentinamente, veio à minha mente uma voz clara, que não deixava dúvidas:

- *Por quê você não ora?*

Assustei-me. Porque não pensara nisso antes? Porque é que o próprio Deus tinha que me lembrar disso?

Ajoelhei-me ali mesmo, sozinho, e derramei o coração diante de Deus.

Falei o que eu sentia. Falei que Ele sabia que eu procurava fazer o melhor, mas que não estava conseguindo nada. Que não poderia viver como havia vivido antes, agora que conseguia pensar claramente...

Falei que precisava da Sua ajuda, e que estava impotente para resolver aquela situação. Citei um a um todos os problemas que atravessávamos.

Naquele momento ouvi novamente a voz de Deus me dizendo:

- **Não tenha medo. Crê, somente!**

*(Na Bíblia encontrei um versículo onde Jesus dizia exatamente aquelas palavras, desta vez a Jairo, quando haviam dito que sua filha estava morta. Jesus o animou e ressuscitou a sua filha.)*

Não havia ninguém a menos de cem metros de onde eu estava. Levantei-me, ainda com lágrimas nos olhos e agradei a Deus.

Quando a sirene soou avisando do término da jornada, subi para o banho e demais atividades, já bem tranqüilo.

Temer o que? Jesus é comigo!

No domingo, pela manhã, o Sobreira, coordenador da casa, chegou para a EBD (Escola Bíblica Dominical) e, diferente do que normalmente fazia, nos disse que falaria conosco sob as árvores. Cada um pegou uma cadeira, seu material, e lá fomos nós para uma sombra deliciosa.

Sentados em círculo, ele fez a oração inicial e começou a exortar o grupo, dizendo tudo aquilo que eu havia falado para Deus, entre lágrimas.

E ele estava usando as mesmas palavras que eu usara!

Falou sobre tudo o que estava acontecendo. As disputas, as distorções das ordens, a falta de dedicação, etc., etc., e terminou aquela palavra com a aplicação de disciplina àqueles que ele achava que mereciam. Foi definindo o que cada um faria ou deixaria de fazer, em decorrência de sua conduta. Eu estava maravilhado.

Sobrou disciplina para quase todos. Exceção feita a mim e mais um interno.

Como é que aquilo foi acontecer, poucas horas depois de eu ter falado com Deus? Coincidência, você diria?

Não havia ninguém perto de mim, quando eu falei aquelas palavras, além de tê-las dito baixinho, entre lágrimas. Mesmo que alguém estivesse ouvindo, certamente não conseguiria entender o que eu dizia.

Era Deus, mostrando o Seu grande amor, e o quanto Ele se importa conosco. Ele sabe dizer:

- ***Eu te amo, Eu te ouço, Eu te ajudo***

A situação se normalizou, voltou à paz, e fiquei ali até completar os seis meses.\*

\*À época, o período de tratamento era de um ano, sendo 90 dias em Marília, 180 em Prudente ou Pompéia, e mais 90 em Marília, como "estágio probatório".

## A RESPOSTA DA CARTA

Nos primeiros dias de Janeiro de 1993 foi que essa carta abençoadora me chegou às mãos, como um presente do céu. Minha irmã falava da alegria em saber que eu estava sendo cuidado, me recuperando, e me animava a prosseguir.

Bendito sejas, sempre, oh Deus.

Obrigado pela vida da Olga, irmãzinha amada, sempre amiga!  
Sempre alguém com quem eu podia abrir o coração, em todas as horas.  
Ela estava emocionada, feliz, com a minha decisão de procurar ajuda.  
Me deu notícias, me motivou a continuar. Foi um presente maravilhoso, aquela carta.

## ESTAGIÁRIO

Chegou a hora de voltar a Marília para o estágio final do tratamento. Seriam mais noventa dias, durante os quais eu teria um o encargo de sair sozinho para executar alguns trabalhos, como a entrega de correspondências, serviços bancários, acompanhar alunos novos em saídas necessárias, etc. Era um tempo para o interno aprender a andar sozinho, sem depender de drogas, ganhar autoconfiança.

Nessa época já comecei a pedir a Deus que me preparasse um lugar para viver. Eu gostava de Marília. Pensava continuar por aqui. Durante minhas saídas a trabalho, aproveitava para procurar emprego. Contabilidade, auxiliar de escritório, faxineiro, caseiro de chácara ou sítio, seja lá o que fosse. Eu pretendia ficar por aqui, mas não aparecia nenhum trabalho, ninguém disposto a abrir uma porta.

Continuei orando.

À medida em que os dias passavam, aproximando o final o meu período de tratamento, fui limpar o arquivo geral e comecei a mexer naquilo como eu entendia que deveria ser. Removi todas as pastas, afastei armários, limpei tudo como era necessário, e comecei a reorganizar, refazendo as caixas, etiquetando, arrumando...

Eu já trabalhara em contabilidade e administração tanto tempo que conhecia muito bem aquilo.

O responsável pela casa gostou daquele serviço e me convidou a continuar auxiliando nos trabalhos do escritório. Passei a digitar fichas, e outros trabalhos e, ao final do meu plano de recuperação, continuei a trabalhar ali como voluntário por algum tempo.

Trabalhava no horário de expediente, e continuei a morar na instituição. Eu gostava da Igreja aqui, e fui batizado nas águas do Rio do Peixe, pelo pastor José Rosa da Costa, muito amado amigo.

## DEUS SUPRINDO

Já passara um ano e meio desde que eu saíra de casa. Já me comunicava por carta e telefone com minha irmã. Ela inclusive veio a Marília, me visitar e, após isso, passou a me abençoar com uma remessa de dinheiro mensalmente. Era dez por cento de um salário mínimo, cerca de R\$ 12,00, que ela me enviava pela conta bancária do Pedro, amigo amado, funcionário do Esquadrão.

Eu usava esse dinheiro para me locomover por Marília, pois voltara a cursar o ensino supletivo.

Tudo se firmava. Tudo se resolvia.

Eu ainda sentia a necessidade de fazer uma visita ao meu pai, já idoso, e pedir-lhe o perdão pessoalmente. Era algo necessário, de que eu não podia fugir. Orei a respeito e descansei. Por mim próprio, não teria condições de resolver isso. O dinheiro era difícil. As passagens caras... Deixei que Deus cuidasse disso. Quando fosse a hora, eu iria.

Um dia soube que haveria uma excursão de evangélicos para São Paulo, para um evento no Pacaembu. Ônibus fretado, economia de 70% nas passagens, mas eu não tinha esse dinheiro. Mais uma vez falei com Deus. Será que seria a oportunidade que eu esperava?

Naquele dia, o Pedro, sempre brincalhão e bem-humorado, veio me perguntar se "*minha família havia mandado algum dinheiro*", pois havia um depósito originário de São Paulo. Quando ele me disse o valor, eu ousei afirmar:

**-Não é meu.**

Dessa vez o valor era muito maior. Quem me mandaria tanto dinheiro?

Achei que fosse para algum dos demais estagiários e sosseguei, porém mais tarde a Olga me liga dizendo que meu irmão fizera um depósito na conta do meu amigo...

Perguntei se ela sabia o valor, e era justamente aquela importância.

Era um presente de Deus, enviado através do meu irmão. Ele foi ao banco e lembrou-se de que "*o amigo do Elio tinha conta naquele banco*". Ligou para a Olga, pegou o número da conta, e transferiu um dinheiro muito além do que eu poderia esperar.

Reservei meu lugar e, na sexta-feira, à noite, embarquei.

Eram cerca de dez horas da manhã quando cheguei à casa do meu pai.

Ele estava na oficina e, quando me viu, ficou sem saber o que fazer. Cheguei para ele e, da forma que consegui, abracei-o e pedi-lhe o perdão.

Choramos. Era um momento de muita emoção, Ficamos ali abraçados por alguns minutos, deixando as mágoas se esvaírem com as lágrimas, e por isso demorou até que pudéssemos conversar.

Glórias a Deus por aqueles momentos.



## O TESTE

À hora do almoço, à mesa, meu pai ainda não confiava em minha recuperação. Não dizia abertamente, mas me estudava em todos os momentos, analisando, buscando enxergar as mudanças.

Anteriormente eu provara que não era confiável. Chegara a hora de provar que havia mudado. Teria que conquistar sua confiança novamente.

Ele abriu uma cerveja, encheu um copo e o colocou perto de mim. Eu olhei para aquilo e lhe disse que já não bebia.

Fiquei constrangido, mas, conhecendo o gênio forte do Sr, Emílio, sabia que não era hora de prolongar o assunto.

Passei a contar-lhes sobre o lugar em que estava, o que fazia, o que pretendia...

À tarde me despedi, deixando um pouco mais de esperança naquela casa, e saindo mais leve, mais feliz.

Alguns meses depois, novamente pude ir à sua casa, em visita e lá encontrei meu irmão mais velho, que reside em Curitiba.

Novamente, à mesa, meu pai encheu outro copo de bebida e colocou em minha frente. Era provocação, que eu já conhecia. Orei em silêncio, e ousei dizer-lhe:

- ***Pai: A bebida já me causou muito mal, e à nossa família. O Senhor acha que eu devo voltar a beber?***

Falei com o copo na mão, e tornei a coloca-lo à sua frente sem dizer mais nada a respeito.

Continuamos a conversa anterior e ele nunca mais voltou a me oferecer bebidas. Começou a acreditar na minha recuperação e decisão.

A partir desse dia, todas as vezes que ia a São Paulo e chegava em sua casa, ele pegava uma sacola e saía “para comprar alguma coisinha”, mas, na verdade, eu sei que era para falar para os vizinhos e amigos que o Elio estava bem, estava recuperado!

## SONHANDO

Havia um curso de datilografia, disponível a todos os internos, e eu aproveitei para treinar um pouco. Eu já havia trabalhado muito tempo em contabilidade e administração, utilizado várias máquinas de escrever, e também havia sido operador-contábil de várias máquinas. Addo, Ruf, Facit, Audit, NCR, entre outras, e era bastante ágil. Como passara muito tempo afastado dessa área, passei a freqüentar.

A responsável pela sala era a Betinha, Assistente Social, e ela não entendia muito sobre as máquinas, mas com a apostila, conseguia resolver os problemas que surgissem.

Com a minha chegada passei a auxiliá-la. Isso nos aproximou e comecei a me interessar por ela, muito timidamente, pois não tinha nada lhe oferecer, mas um dia disse-lhe que, quando eu saísse do Esquadrão, eu a procuraria.

Em Outubro de 1993 ela se desligou do Esquadrão e foi trabalhar na Prefeitura de Marília, pois havia conseguido colocação em concurso público, e passou a atender na Secretaria do Bem Estar Social.

Ainda assim nos víamos em alguns eventos, mas eu ainda não sabia o que fazer. Era voluntário, não tinha salário, nem recursos para nada... Não daria para pensar em namoro.

Tinha apenas algum dinheiro, comissão sobre vendas, que me garantiriam provisoriamente.

Achando que não me acertaria com a Betinha, e me propus a buscar um emprego onde fosse, para levar avante a vida.

Eu andava enciumado...

## EM BUSCA DO EMPREGO

Um dos irmãos, com o qual convivi durante a recuperação, me convidou para ir trabalhar com ele, e me garantiu lugar para morar em Rondônia.

Passei a pensar seriamente nisso, e comprei uma passagem de ônibus sem data marcada, planejando a “mudança” para o início do ano.

Talvez não fosse o melhor, pois ficaria muito longe para visitar minha família quando estivesse morando lá, porém eu teria um trabalho digno, amigos e chance de progresso.

Era final de Dezembro e eu iria passar as festas no Esquadrão de Prudente, e lá mesmo embarcaria. Quando falei ao Sobreira sobre a viagem, ele me disse que eu não deveria ir, e se dispôs a contatar alguns empresários conhecidos. **Consegui-me dois empregos**, ambos com lugar para morar, para que eu pudesse escolher. Acertei um deles, uma oficina autorizada de refrigeração, onde trabalharia como técnico, e combinei começar o trabalho no dia 3 de janeiro, logo que reabrissem. Estava feliz e aproveitei os dias que me sobravam ajudando nas atividades da casa, até o dia do acidente.

## ACIDENTE

### CULPA DO CAVALO, OU RESPOSTA DE ORAÇÃO?

Naquele sábado, já anoitecendo, enquanto conversávamos após o jantar, vimos que o cavalo estava fugindo para a rua. Talvez a porteira tivesse ficado aberta, ou ele a houvesse forçado... Só o vimos escapando.

Subimos na carroceria do caminhão, que o Esquadrão dispunha, um Mercedes 608, e fomos atrás, para trazê-lo de volta.

Quando o pegamos, foi passada a corda em seu pescoço e, enquanto o caminhão ia vagorosamente, eu segurava a corda com ambas as mãos.

Repentinamente o cavalo empacou e eu, ao invés de soltar a corda, segurei firme. Isso arrancou o couro de minhas mãos, que começaram a sangrar.

O cavalo foi trazido de volta, porém minhas mãos tiveram que ser enfaixadas, e doíam bastante, portanto eu não poderia iniciar o trabalho na segunda-feira.

O “patrão” me disse para começar quando pudesse. Ele estava disposto a me ajudar e eu conhecia o trabalho. Havia passado no teste.

Aproveitando essa folga forçada, retornei a Marília para buscar as coisas de menor importância que havia deixado, e dar as boas novas aos meus amigos.

Chegando à Sede do Esquadrão da Vida, encontrei todos os funcionários reunidos na recepção, e me acolheram com muita alegria.

Achei legal, aquilo, mas só entendi o que estava acontecendo quando o responsável me perguntou se eu estaria disposto a assumir o lugar do Osni, pois o mesmo estava saindo para trabalhar com outra coisa.

Eles haviam ligado para Prudente para me convidar, mas eu havia acabado de sair para a rodoviária.

Eu teria um salário mensal, registrado em carteira, e poderia continuar morando ali. Dava para começar a sonhar novamente.

Oh, Glória!

Deus continuava cuidando de mim, apesar de mim. Ele sabia o que era melhor e fazia o melhor!

O trabalho era bom, a Equipe boa, mas eu ainda tinha algumas arestas a serem tiradas e precisava de um pouco mais de tratamento. Tinha que aperfeiçoar a paciência, e Deus, em sua infinita misericórdia, colocou pessoas para me auxiliarem nisso...

Não era fácil, mas eu precisava vencer mais essa.

Nos momentos de maior dificuldade eu recorria à companhia do meu amado amigo, o Pastor José Rosa, que hoje mora no Espírito Santo.

Em sua casa eu tinha liberdade de falar, ou chorar, se fosse o caso, ler um bom livro, assistir um jogo de futebol (torcíamos pelo Corinthians), ou simplesmente ficar calado.

Glórias Deus!

Foi uma época maravilhosa.

Estávamos Março de 1994. Eu continuava trabalhando, estudando, vivendo em paz e comunhão com Deus, e sendo cuidado por ele.

Tudo transcorria maravilhosamente, mas ainda faltava alguma coisa...

Afinal, o próprio Deus disse que *“Não é bom que o homem esteja só...”*

## O NAMORO

Começamos namoro no dia onze de Março de 1994, e já eram 23 horas. Encontramo-nos no terminal de ônibus urbano. Ela vinha do Instituto Bíblico e eu do curso supletivo. Estava quase na hora da saída do seu ônibus quando decidi pedi-la.

Eu estudava nos horários vagos, éramos de igrejas diferentes... Parecia difícil até conseguir horários para nos encontrarmos, mas, na verdade, o difícil foi tomar a decisão de pedi-la. Depois descobrimos que os impedimentos eram tão pequenos que não atrapalhavam, e passamos a nos encontrar quase todos os dias.

Já no início de Abril, feriado em Marília, levei-a a São Paulo para apresentá-la à minha família. Ela, toda preocupada, pensando em como seria recebida, foi recepcionada com festa.

Antes de voltarmos a Marília, meu pai perguntou-me sobre quando seria o casamento, ao que eu, honestamente, respondi que deveria demorar, talvez, quatro anos, pois o salário era baixo e seria difícil conseguir montar uma casa com tudo o necessário.

Era impossível conseguir casar antes de três anos e meio.

Errei feio!

Em Mateus 19:26 Jesus fala que o que é impossível aos homens é possível a Deus.

Logo, pessoas de Marília, amigos e familiares, nos procuravam e prometiam nos dar algum móvel como presente. Ganhamos, praticamente, todos os móveis de casa. Percebíamos a direção de Deus em cada momento.

Valeu, David e Lena, pela força que vocês nos deram!

O nosso relacionamento era ótimo, o cuidado de Deus, maravilhoso. Os irmãos de fé tinham prazer em participar conosco, e assim, dia 1º de Outubro daquele mesmo ano, colocamos as alianças de noivado, diante de Deus e dos pais da Betinha.

Durante a fase de nosso noivado, a minha amada sogra entrou em depressão profunda. Foram momentos difíceis para a Betinha, que era a única pessoa a quem sua mãe atendia.

Então, ela era a enfermeira, a governanta, a filha, a faxineira... Tudo isso, além de seu trabalho, que já era difícil, e dos preparativos para o casamento.

Em Isaias 40:29 está escrito: *“(Deus) Dá força ao cansado, e multiplica as forças ao que não tem nenhum vigor.”*, e comprovamos isso.

Procurávamos uma casa para alugar e só encontrávamos dificuldades. Algumas, muito distantes, outras, aluguel muito caro, outras ainda, sem condições de morar. Como sempre, tínhamos que esperar a ação de Deus.

---

Já era Dezembro, a menos de um mês do casamento, quando soubemos de uma casa em reforma, a cem metros da casa de meus sogros. Fomos conversar com o proprietário e assinamos o contrato.

Provisão de Deus, sem dúvida. Precisávamos morar perto, para a Betinha cuidar da sua mãe até sua total recuperação.

Havia um pedreiro trabalhando na casa, e ele não terminava o trabalho. Estava assentando piso, sem nenhuma pressa.

No dia quinze de janeiro, aproximadamente, comprei tinta e comecei a pintar as portas e janelas, enquanto o pedreiro “concluía” o trabalho. Na verdade, ele preparava um pouco de massa, e ficava conversando com alguns desempregados, aposentados, desocupados, e etc., e não via a necessidade de terminar a obra.

No dia dezessete de Janeiro, expulsei-o de lá, delicadamente.

Limpamos a casa e começamos a montar os móveis.  
Ficou linda!

Casamos no dia 21 de janeiro de 1995, apenas dez meses e dez dias após o início de nosso namoro.

Glórias a Deus.

Acho que, se eu não houvesse expulsado o pedreiro, teríamos que adiar o casamento ou morar em algum hotel, indefinidamente.

Depois do casamento, em várias oportunidades hospedamos o meu pai, que tinha prazer em passar alguns dias conosco.

Ele amava a “nova nora” e a transformação na vida do filho, que afinal, também era um novo filho.

## O CASAMENTO

Foi uma tremenda chuva...

... de bênçãos!

Meus familiares, de São Paulo, fretaram um ônibus e vieram. Meu pai, tios, irmã, irmãos, cunhadas, sobrinhos e sobrinhas, primos e primas, pessoas amigas...

Foi uma grande festa durante toda a viagem, e aqui também, apesar de eu não ter podido participar do banquete que trouxeram.

Foi um dia inesquecível, maravilhoso.

Igreja lotada. Todo mundo foi conferir!

Dias antes do casamento, eu havia prestado concurso para a Prefeitura de Marília e consegui ótima colocação. Já em Abril comecei a trabalhar no Serviço de Patrimônio do município, um trabalho que eu já exercera na iniciativa privada. Gostava do trabalho, e lá fiquei por quatro anos e meio, quando me transferi para a Secretaria Municipal de Saúde.

No dia em que completamos um ano de casamento, mudamos para nossa casa própria. Uma casa popular, com apenas 43 m<sup>2</sup>, sem forro, (mandei forrar antes da mudança), piso de cimento, sem muro, em rua sem asfalto ou sarjeta, a nove quilômetros do centro da cidade.

Nessa época ainda não tínhamos carro próprio, e os horários do ônibus eram escassos. Pode parecer difícil, mas foi uma grande benção em nossa vida.

Fomos melhorando a casa, à medida do possível. O bairro também melhorou, e moramos ali por oito anos, saindo dali no dia 25 de Janeiro de 2004.

## O GRANDE PRESENTE DE DEUS

Vou ter que retornar à época em que namorávamos.

A Betinha sempre sonhara ser mãe. Se fosse menina seria a Raquel. Isso eu nunca discuti. Mãe é que sabe das coisas; pai, só apóia!

Após o casamento, começamos a sonhar com um bebê, e pedíamos isso a Deus. Ele sempre supria todas as nossas necessidades. (*E, tudo o que pedirdes na oração, crendo, o receberéis.* Mateus 13:22).

O tempo foi passando e o bebê não vinha. Eu não me preocupava muito; apenas orava, e descansava, mas a Betinha decidiu consultar um médico, fizemos tratamento, ela tomou alguns medicamentos, e o bebê não vinha.

Passei orar pensando em adoção, mas não tinha coragem de propor isso a ela. Achava que tal idéia teria que nascer no coração dela. Teria que ser conforme a vontade de Deus.

Um dia, quando conversávamos, e sempre conversávamos bastante, ela me falou sobre a inscrição no Fórum, perguntando o que eu achava...

Oramos de mãos dadas pedindo a direção de Deus, e nos inscrevemos para adoção. Preenchermos uma porção de documentos, entregamos uma porção de outros, passamos por entrevistas... Estávamos “na fila de adoção”. Talvez demorasse. Era esperar.

Não tínhamos dúvidas de que Deus faria o melhor.

Em 1999 quando, uma noite, já deitados, a Betinha me diz, emocionada:

- *Amor... Deus me disse que não vai ser Raquel. Vai ser um menino, e vou dar-lhe o nome de Samuel!*

Abracei-a feliz e, guardei aquilo no coração, preferindo não prolongar a conversa. Ela seria a mãe, e com o coração de mãe não se discute...

No domingo de carnaval de 2000, início do mês de Março, houve, na igreja onde servíamos, um Congresso com a presença do Pr. David Silva, então Ministro de Louvor em Londrina, e o templo estava superlotado. Durante a pregação ele parou, apontou para a Betinha e disse:

:

- **O Senhor Ihe diz para parar de chorar, pois o que você pediu já está a caminho!**

ALELUIA! Louvado seja o Senhor!



---

Quando entrei no templo para buscar a Bete, alguns irmãos vieram me abraçar, chamando-me “papai”. Mais uma vez guardei aquilo no coração, pedindo a Deus capacitação e sabedoria para criar o meu filho no caminho seguro.

Um mês após, fomos contatados pelo Serviço Social sobre a existência de uma criança, em Assis, cidade próxima, e oramos a respeito, pedindo a Deus a confirmação de que seria aquela criança. Sem resposta, procuramos aconselhamento com o pediatra nosso irmão e amigo Dr. Francisco Agostinho, e, ao final, decidimos pelo não. Nosso coração ansiava por isso, mas não havia direção de Deus.

Parecia que, a cada dia, se tornava mais difícil, mas tinha-mos a promessa, e nos baseávamos nela. *“Deus não é homem para que minta!”* (Números 23:19)

Em Janeiro daquele ano eu pedira transferência para a Secretaria Municipal de Saúde, para trabalhar em horário especial em local próximo à nossa casa. Tudo ia muito bem entre nós. Meu horário ficou reduzido a seis horas diárias, basicamente digitação, entre 17:00 e 23:00h, então, pela manhã, eu permanecia um pouco mais na cama após a saída da Betinha para o trabalho.

## DIA DAS MÃES

No dia doze de maio, sexta-feira, ante-véspera do Dia das Mães, 7:30 horas o telefone tocou. Atendi ainda deitado e ouvi a voz emocionada da minha esposa amada:

- Amor... O bebê chegou!

Pulei da cama, enquanto ela, entre lágrimas, me falava onde ele estava, então combinei encontra-la ao lado da criança.

Desliguei, pus-me de joelhos e orei, agradecendo a Deus por aquele momento, e pedi-lhe então um sinal de que era, aquela criança, o nosso filho;

Pedi como prova que, logo que a Betinha chegasse junto ao berço, o bebê lhe desse um grande sorriso.

Em minutos eu já estava pronto e logo me encontrei com a Betinha que, toda emocionada, me levou para ver a criança. Um menino lindo! **Muito lindo!**

Abraçados, paramos ao lado do berço, olhando-o, quando ele abriu os olhos, olhou-me profundamente, e tornou a dormir.

Quando contei à Betinha a prova que eu pedira a Deus ela desabou em um choro de alegria. Acontecera exatamente aquilo que pedi. O bebê havia dado um tremendo sorriso para a mamãe Betinha.

Agora éramos pais! Tínhamos um bebezão! Lindo, lindo, lindo! Dado por Deus, provado por Deus.

Acho até que era mais lindo do que eu, quando nasci! Sem exagero!

Peguei-o no colo e, abraçados os três, oramos ao Senhor, agradecendo-o.

Recebemos o bebê de Deus, e o dedicamos a Deus naquele momento.

Incrível! Nunca eu me senti tão pequeno, tão dependente de Deus como naquele momento, pois até comecei a chamá-lo de Papai-do-Céu.

Correr atrás dos documentos, conseguir assinatura de juiz, correr ao cartório, voltar ao juiz, correr para outro lado... Corremos o dia todo, alegres, felizes.

Todos nos parabenizavam e procuravam ajudar. Alguns funcionários do Fórum se atrasaram para o almoço afim de que conseguíssemos acertar a documentação. Aleluia!

Oh, Deus Maravilhoso!

Eram quase 17:00h quando, com todos os documentos exigidos, buscamos a criança. Emoção indizível...

“Nossa gravidez” durou mais de dois anos!

Com o filhão lindo, passamos no trabalho da Bete, para buscar sua agenda e todas as colegas queriam conhecer o neném. Afinal, elas queriam participar daquele momento, pelo qual tinham torcido. Mais emoção; Haviam preparado uma festa, com muitos presentes para o Samuel. Muitas coisas, todas úteis. A Betinha chorou de novo, e eu tive que acompanhá-la nisso! Foi lindo!

Passamos na casa da tia Lena, ligamos para o Dr. Francisco, que nos atendeu feliz e examinou o bebê, ensinando-nos muitas coisas, como um anjo a nos apoiar. Só depois disso fomos para casa.

Em uma gravidez normal, calcula-se o tempo em que o bebê vai chegar. Pode adiantar um pouco, mas o bebê já está lá, conosco, mesmo que ainda não o vejamos. Já em nosso caso, sabíamos que ele viria, e que seria um menino, mas não sabíamos quando.

Havia uma parte do armário cheia de roupinhas de bebê. A cada dois ou três meses eram lavadas, arrumadas... Só que, na hora em que o neném chegou, elas precisariam ser lavadas novamente. Ou alguém acha que a mamãe Betinha ia vestir no filhinho uma roupinha que não fosse recém-lavada?

A primeira visita, ainda na sexta-feira, foi da Tia Sonia, outra pessoa que Deus usou, e ainda usa, para abençoar o Samuel.

Naquela noite o Samuel dormiu em um bebê-conforto, sobre a nossa cama. Nós também deitamos, mas acho que não conseguimos dormir nada naquela noite!

No sábado, cedinho, corri à casa do Floriano, para comprar um conjuntinho de quarto. O berço eu coloquei no carro na hora, o guarda-roupas chegou só segunda-feira. Montamos um quarto para nós e outro para o bebê. Ficou lindo.

## REFORÇANDO OS VÍNCULOS

No dia dezenove de maio, sexta-feira seguinte à chegada do Samuel, aproximadamente uma da tarde, ele começou a ter dificuldades de respirar. A Betinha começou a tratá-lo, mas ele não melhorava, e nos olhava com aquele olhar de dependência total.

Eram dezoito horas quando começou a piorar. Fomos ao Pronto-Socorro, onde ele foi atendido e ficou sendo tratado, sem muitas melhoras. Passamos a noite ao seu lado, orando por ele, que só começou a melhorar às sete da manhã.

Fomos liberados com a condição de, chegando em casa, fazer uma câmara de vapor, que preparei usando o seu berço, e colocando panelas de água fervente fora do berço, sob a cobertura. Eram nove da manhã quando ele ficou perfeitamente bem, e aquele problema nunca mais se repetiu.

Deus providenciou aqueles momentos para que percebêssemos o quanto ele era importante para nós. Já o amávamos, mas ainda não era possível avaliar o quanto. Só quando vemos que podemos perder alguém é que passamos a dar-lhe o devido valor.

Deus permitiu aquela emergência para reforçar os vínculos que já nos uniam.

## O DEUS QUE PROVÊ

A partir de Janeiro de 2001, a tia Cristina cuidou do Samuel durante o dia, mas em Novembro ela não pode continuar. Era o tempo de Deus, sem dúvida, e aproveitamos o que havia de folgas e férias para ficar com o nosso filho.

Matriculamos então o Samuel na EMEI Pingo de Gente, cuja diretora é a tia Sônia, também irmã da Betinha, e lá, eles cuidaram do nosso filhão até terminar o Pré III, no final de 2006.

Amamos cada professor e cada funcionário daquela EMEI.

Ocorre que morávamos no extremo Norte da cidade, e a escola fica na Zona Sul, então viajávamos dezessete quilômetros até a escola, para então irmos ao trabalho.

Também passamos a Servir o Senhor em uma igreja próxima da EMEI, e sentimos a necessidade de mudar de endereço.

Era o final de Maio de 2003 quando colocamos diante de Deus essa necessidade. No princípio de Outubro daquele ano, fiz um cartaz de “Vende-se” para nossa casa e pensei em procurar uma casa próxima à escola, mas, antes de afixar o cartaz, disse à Betinha que iria colocar aquilo, novamente, no altar de Deus.

Fomos ao culto, onde encontrei um irmão, que até ali não conhecia, e que estava curioso para me conhecer, pois alguém havia lhe falado a meu respeito quando passavam próximos ao bairro em que eu morava..

Apresentamo-nos um ao outro, cordialmente, e ele não tinha mais nada a me falar, então lhe disse que pretendia mudar. Seu rosto se iluminou, e ele me disse:

- *“Então, compra a minha casa!”*

Ele precisava mudar para outra cidade, e Deus direcionou-o a falar comigo.

Quando visitamos a casa, passamos por todos os cômodos, e, ao sair, perguntei a Bete sobre o piso, que eu não tinha prestado atenção. Ela também não reparara. E o forro? Idem!

É de pasmar. Uma mulher entra na casa que pretende comprar e não percebe detalhes!

É que, quando entramos naquela casa, já sentimos que seria nossa. Não houve a preocupação de olhar os detalhes. Só Deus para fazer isso!

Teria que vender minha casa para ter com que comprar a outra, e, no bairro, haviam muitas casas à venda. No dia cinco de novembro, passado um mês sem conseguir vendê-la, coloquei o problema diante de Deus. Se eu não conseguisse vender a casa até o dia catorze, abriria mão da outra, pois o irmão Aristides tinha urgência na venda.

No dia doze, dois antes do prazo, portanto, consegui fechar negócio, sem diminuir o preço, ou dar qualquer outra vantagem ao comprador, que, até hoje, não mexeu na casa, não definiu o que fazer com ela, e não sabe por que a comprou. Eu sei porque ele comprou. Deus o mandou fazer isso.

De posse do dinheiro, comprei a nova casa. A cem metros do portão da EMEI e duzentos metros do templo da Igreja, e apenas quatro quilômetros do meu trabalho.

Mudamos no dia 25 de Janeiro de 2004, e desde então o consumo de combustíveis e demais despesas com o carro caíram vertiginosamente, além de eu estar morando em um lugar bem melhor, em casa mais ampla e gostosa.

Hoje, o Samuel já tem sete anos. É um menino de oração. Inteligente, estudioso, amoroso, conhecedor da Palavra de Deus. Tem nos dado grandes alegrias, e é uma experiência maravilhosa em nossas vidas.

Ele canta no Coral Infantil desde 2004 e aprende a tocar teclado desde Maio de 2006.

Eu ainda mantenho vínculo com o Esquadrão da Vida, onde dou o meu testemunho e falo da obra de Deus aos internos, e o Samuel é o meu companheiro constante. Freqüenta aquela casa comigo desde que aprendeu a andar sozinho.

Acho que vou parar por aqui, para não esticar demais a história, mas, se você precisar, conte comigo. Terei prazer em orar com você, e em auxiliar no que for possível.

Meu e-mail é: [elio\\_rolدان@yahoo.com.br](mailto:elio_rolدان@yahoo.com.br)  
Há um blog: [velhopescador.blogspot.com.br](http://velhopescador.blogspot.com.br)

Que Deus o abençoe, e a todos os seus, e lembre-se:

**Não desista nunca, porque Deus nunca vai desistir de você!**

Elio Roldan Anderson  
10 de Novembro de 2007

Um hino que eu gosto

*Preciosa Graça!*

*Preciosa Graça de Jesus, que um dia me salvou.  
Perdido andei, sem ver a luz, mas Cristo me encontrou.*

*A Graça, então, meu coração, do medo libertou!  
Oh, quão preciosa salvação a Graça me outorgou.*

*Promessas deu-me o Salvador, e nele eu posso crer!  
É meu refúgio e proteção em todo o meu viver.*

*Perigos mil, atravessei. A Graça me valeu.  
Agora, são e salvo irei ao Santo Lar do céu.*

Um Salmo, para meditação:

## I Crônicas 16:8-36

*“Louvai ao Senhor, invocai o seu nome, fazei conhecidas as suas obras  
entre os povos.  
Cantai-lhe, salmodiai-lhe, atentamente falai de todas as suas maravilhas.  
Gloriai-vos no seu santo nome; alegre-se o coração dos que buscam ao Senhor.  
Buscai ao Senhor e a sua força; buscai a sua face continuamente.  
Lembrai-vos das maravilhas que fez, de seus prodígios,  
e dos juízos da sua boca;  
Vós, semente de Israel, seus servos, vós, filhos de Jacó, seus escolhidos.  
Ele é o Senhor nosso Deus; os seus juízos estão em toda a terra.  
Lembrai-vos perpetuamente da sua aliança e da palavra  
que prescreveu para mil gerações;  
Da aliança que fez com Abraão, e do seu juramento a Isaque;  
O qual também a Jacó confirmou por estatuto, e a Israel por aliança eterna,  
Dizendo: A ti te darei a terra de Canaã, quinhão da vossa herança.  
Quando eram poucos homens em número, sim, mui poucos,  
e estrangeiros nela,  
Quando andavam de nação em nação, e de um reino para outro povo,  
A ninguém permitiu que os oprimisse, e por amor deles repreendeu reis,  
dizendo:  
Não toqueis os meus ungidos, e aos meus profetas não façais mal.  
Cantai ao Senhor em toda a terra; anunciai de dia em dia a sua salvação.  
Contaí entre as nações a sua glória, entre todos os povos as suas maravilhas.  
Porque grande é o Senhor, e mui digno de louvor, e  
mais temível é do que todos os deuses.  
Porque todos os deuses dos povos são ídolos; porém o Senhor fez os céus.  
Louvor e majestade há diante dele, força e alegria no seu lugar.  
Tributai ao Senhor, ó famílias dos povos, tributai ao Senhor glória e força.  
Tributai ao Senhor a glória de seu nome; trazei presentes, e vinde perante ele;  
adorai ao Senhor na beleza da sua santidade.  
Trema perante ele, trema toda a terra; pois o mundo se firmará,  
para que não se abale.  
Alegram-se os céus, e regozije-se a terra; e diga-se entre as nações:  
O Senhor reina.  
Brame o mar com a sua plenitude; exulte o campo com tudo o que nele há;  
Então jubilarão as árvores dos bosques perante o Senhor;  
porquanto vem julgar a terra.  
Louvai ao Senhor, porque é bom; pois a sua benignidade dura perpetuamente.  
E dizei: Salva-nos, ó Deus da nossa salvação, e ajunta-nos, e livra-nos das  
nações, para que louvemos o teu santo nome, e nos gloriemos no teu louvor.  
Bendito seja o Senhor Deus de Israel, de eternidade a eternidade.*

**Dou Graças a Deus!**

**Ao Senhor seja toda a honra e toda a glória para sempre!**

Poemas que escrevi

## Infância e Adolescência

O barulho dos trovões, ao longe  
E a chuva, que caia lá fora,  
Trouxeram-me, novamente, à memória,  
A vida que levava, e não me foge.

Lembrei-me do almoço aos domingos  
Mamãe, papai, irmãos, todos à mesa  
Várias visitas, todos sempre eram bem-vindos.  
Uma família, bem feliz, tenha a certeza

Mamãe, ao fogão, era uma artista  
Criando formas, aromas e sabores,  
Cozidos, assados, mil quitutes.  
Deliciosos, que enchiam nossa vista

Após a refeição, inda à mesa,  
Papai, ao bandolim, tocava hinos  
Que juntos cantávamos, alegres...  
Assim era o almoço, aos domingos.

Depois, nos levantávamos, devagar,  
E para a sombra, papai nos convidava.  
Idéias, opiniões, compartilhar...  
Assim a nossa tarde se passava.

Irmãos maravilhosos, sempre juntos,  
Tudo era motivo para brincar...  
Um ao outro, chamando por apelidos  
Que nos uniam, ao invés de afastar.

Momentos de ternura, inesquecíveis,  
Eu não sabia, não podia imaginar  
Que eu, por motivos tão incríveis  
**Um dia abandonaria aquele lar. \***

Andei fugindo, me afastei, na juventude;  
Perdido nos meandros do alcoolismo...  
Magoei a todos que me amavam... Estava enfermo!  
Andei tão longe, imerso em mim mesmo.  
Sem ninguém me esperando, onde ir?  
Pensei que a morte fosse a saída, fosse o termo.

Nesse tempo eu pensava só na morte,  
A depressão calara fundo em mim.  
Jesus mudou para melhor a minha sorte.  
Fez um milagre! Recuperou-me, eis me aqui.



## Afastado

Oh, Senhor, tu sabes como eu me sinto  
Nos dias em que a minha fé como que esfria  
Preocupada com as coisas momento,  
Essas coisas que acontecem dia-a-dia.

Senhor! Perdão, por eu não ter permanecido  
Na tua presença. Por eu ter-me afastado.  
Quando não ouço a voz do teu Espírito  
Entristeço-me, sinto-me abandonado

Por que insisto em querer tudo resolver  
Do meu jeito, que eu sei, não é o melhor?  
Pois Tú oh Deus, é aquele que provê.

Porque andar preocupado, em meu labor?  
Em tua proteção nestes dias, vou viver  
Por tua misericórdia, oh Senhor.

## Imanência

Mas, se a minha fé acaba  
Na dormência, ou na demência,  
Desfazendo a imanência  
De minh'alma com o Eterno

Eu irei me sentir livre,  
Como um pássaro de gaiola.  
Mesmo que voe lá fora  
Minha vida é um inferno!

É a esperança que se acaba?  
E a dúvida, quem explica?  
Põe-se a verdade na berlinda  
E a vida? Como fica?

Ah, a incerteza é um inferno,  
Pois, se sei, como eu nego?  
Vou fingir desconhecer?

Jogar fora o teu tesouro,  
E sobre o mundo vindouro...  
Como eu hei de fazer?

E vi um novo céu, e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe.

E eu, João, vi a santa cidade, a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu, adereçada como uma esposa ataviada para o seu marido. E ouvi uma grande voz do céu, que dizia:

*- Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles, e será o seu Deus. E Deus limpará de seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas.*

E o que estava assentado sobre o trono disse:

*- Eis que faço novas todas as coisas.*

E disse-me:

*- Escreve; porque estas palavras são verdadeiras e fiéis.*

E disse-me mais:

*- Está cumprido. Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim.*

*A quem quer que tiver sede, de graça lhe darei da fonte da água da vida.*

*Quem vencer, herdará todas as coisas; e eu serei seu Deus, e ele será meu filho."*